

ENUNCIÇÃO


Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

EU, ENHEDUANNA

Estefanía Bernabé-Sánchez^{*}

 <https://orcid.org/0000-0001-9361-0972>

Katia Maria Paim Pozzer[°]

 <https://orcid.org/0000-0001-9083-1729>

Resumo: O presente artigo trata de uma figura feminina singular na história da Mesopotâmia que exerceu, ao mesmo tempo, as funções de princesa, sacerdotisa e poeta. Enheduanna foi a mais proeminente sacerdotisa em Ur, durante o reinado de seu pai, o poderoso rei Sargão de Akkad. Ela é conhecida por suas composições literárias e vários objetos contendo inscrições cuneiformes, incluindo um disco de alabastro, atualmente conservado no Museu de Arqueologia e Antropologia da Universidade da Pennsylvania. Refletir sobre a condição feminina na antiguidade e, em particular, sobre o exercício da poesia e da afirmação da autoria individual na produção literária mesopotâmica, são algumas das questões que trazemos nesta contribuição.

Palavras-chave: Mesopotâmia; História das Mulheres; Literatura; Poesia.

***Abstract:** This article deals with a singular female figure in the history of Mesopotamia who exercised, at the same time, the functions of princess, priestess, and poet. Enheduanna was the most prominent priestess during the reign of her father, the powerful King Sargon of Akkad. She is known for her literary compositions and several objects containing cuneiform inscriptions, including an alabaster disk, now held at the University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology. Reflecting on the female condition in antiquity and, in particular, on the exercise of poetry and the affirmation of individual authorship in Mesopotamian literary production are some of the issues that we bring up in this contribution.*

Key-words: Mesopotamia; Women's History; Literature; Poetry.

^{*}Docente no departamento de Lingüística Geral da universidade de Valladolid (UVA) e das Faculdades de Filosofia y Letras e Humanidades da IE University (Madrid), Espanha. E-mail: e.bernabe1976@gmail.com

[°]Docente nos cursos de História da Arte e no Programa de Pós-Graduação em História, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil. E-mail: katia.pozzer@ufrgs.br

en-me-en en-ñ e 2-du7-a-na-me-en

*Eu, a suprema sacerdotisa;
eu, Enheduanna...
(Exaltação a Inanna, 67)*

1. Introdução

Na palestra intitulada “O que é um autor?” Michel Foucault (1969)¹ uniu em eterna consanguinidade a escrita com a morte; se uma obra tem a capacidade de imortalizar o seu autor, segundo Foucault, recebe também o direito imediato de o assassinar. “Que importa quem fale?”, terminava afirmando o humanista francês... Roland Barthes também se expressou em termos similares (BARTHES, 1967, p. 142-148). Desde o nosso compromisso hermenêutico, que é abrangente, importa sim, pois qualquer obra pertence a um contexto social, linguístico e histórico que molda as capas mais profundas da psique do seu autor e que se trança no tecido da sua obra através de uma matriz de infinitas possibilidades. A escrita, então, é um processo aberto pelo qual um texto vai organicamente tomando forma através de múltiplas opções semânticas dentro de um tempo, um espaço e um contexto únicos, pois cada autor filtra, através da sua individualidade, toda essa bagagem que carrega, e a transforma em fruto. A interpretação dessa obra, por outro lado, obedece à consciência de um leitor, também sujeito histórico, que desfia o tecido do texto navegando as águas do espaço-tempo próprios, dos pressupostos conformados pelo seu *haver prévio* (Vorhabe), *ideias previas* (Vorgriff) e a sua maneira de ver o mundo *prospectivamente* (Vorsicht)², conceitos que H.G. Gadamer (1975, p. 278) definiu no passado século.

Nessa interação entre autor, contexto, obra e acordo hermenêutico é que partimos para aprofundar no estudo da primeira voz humana que se reconheceu *produtora* dos textos que assinou para a História. Enheduanna, princesa acádia, suprema sacerdotisa, mulher de carne e osso manipulada por interesses políticos, maltratada, abandonada por deuses ausentes, devota de Inanna, esquecida por séculos e, entre outras muitas coisas, narradora

¹Conferência proferida no *Collège de France* em 22 de fevereiro de 1969.

²Existe versão em português de Flávio Paulo Meurer. *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes, 1999.

homodiegética nas composições que legou à memória coletiva faz mais de quarenta séculos...

2. A própria voz: autoria como conceito

Nisaba era a deusa suméria do ofício dos escribas, cujas composições e textos devotavam a ela através de uma fórmula doxológica final, “glória a Nisaba”. Deusa comum do mundo agrícola, concretamente do trigo, e da escrita, seu espaço no panteão mesopotâmico foi herdado, com o tempo, por Nabu, deus babilônico da sabedoria. Deixamos aqui apontada esta união ctônica entre o mundo natural – feminino – e a tradição escrita, tão relevante quanto frutífera, para futuros trabalhos de investigação. Legitimada por este vínculo sagrado, a literatura mesopotâmica é grandemente anônima, apesar de conservarmos alguns nomes daqueles que copiaram textos da tradição multissecular.

A escrita colaborativa faz parte da exploração intelectual humana, da criatividade e da história das mentalidades, e copiar, refundir ou cocriar junto dos receptores das obras (como elementos ativos do processo criador) tem sido prática comum durante séculos. Contudo, nossa protagonista se apresenta como autora dos seus textos. É a primeira narradora da História, o primeiro nome que assina um texto, uma pioneira em todos os sentidos. Enheduanna, com “estilo altamente individual, de conteúdo autobiográfico e histórico [...]”, aparece “subscrevendo seus manuscritos e se apontando como autora dos mesmos” (FOSTER, 2019, p. 3). Mas, na verdade, isso não é comum no mundo antigo. Não conservamos nenhuma cópia das obras de Enheduanna anterior ao período paleobabilônico, fato que abre o debate sobre se os textos a ela atribuídos foram escritos com posterioridade e assinados com seu nome por alguma questão que desconhecemos.

O investigador Sophus Helle (2020) defende que o conceito de autor nasceu no período paleobabilônico para representar a *velha* tradição suméria como algo unitário, coerente e tangível, que legitimasse um passado histórico vinculante. Nessa época, o sumério já era uma língua morta somente utilizada como referência acadêmica, língua literária e de culto. Para os escribas babilônicos, a autoria única era, segundo Helle “uma herança literária, complexa e abstrata” condensada em uma figura só, a de *autor*. A memória, através dessa autoria, tomava corpo e legitimava a luta babilônica em tempos de crise social e política, reforçava um passado vinculante.

Um autor que unificasse tradições e séculos garantia uma identidade cultural unitária, e esse autor *ex post facto* seria Enheduanna.

Mas esta é só uma possibilidade.

Conservamos um *Catálogo de textos e autores* datado no século VII AEC³ com informação de autoria literária desde tempos da remota antiguidade. O *Catálogo* é uma recompilação exaustiva dos autores mais relevantes da tradição suméria e acádia que inclui deuses e seres mitológicos, mas também eruditos e personalidades literárias de tempos passados. Mas, se a autoria individual não era valorada na sociedade mesopotâmica, qual é então a função do *Catálogo*? Qual a necessidade dele se os conceitos de autor individual ou tradição criativa não tivessem relevância? No tempo da datação do *Catálogo*, a expansão do Império neoassírio, de língua aramaica, fez com que a sociedade assíria precisasse redefinir sua identidade linguística e enaltecer sua memória literária para se legitimar ante a História. É, sem dúvida, uma explicação válida para produzir um listado ao estilo do *Catálogo*, mas não é descartável que o conceito de *autor* nascesse séculos antes com a nossa protagonista. Chegamos à conclusão que a tradição copista e refundadora dos escribas mesopotâmicos, em grande parte anônima, caminharia paralela a uma tradição textual criativa, de autor único. E nós partimos aqui desta premissa.

Na grandiosa apresentação de Enheduanna com a que abrimos o artigo destaca um fato relevante: a metareferência, o discurso autorreferenciado, é um recurso estilístico que muitos leitores podem considerar contemporâneo, associado à literatura pós-modernista. Alguém pode se exaltar agora, mas então, Cervantes, Chaucer, onde ficam..., e com razão, prova de que os teóricos da literatura precisam ser, em muitas ocasiões, mais arqueólogos textuais que qualquer outra coisa, indagadores entre tecidos de tempo, vasculhadores além dos textos. Nestas páginas se faz evidente que a metareferência existia muito antes do imaginado pela maioria: uma sacerdotisa do século XXIII AEC inspirou-se no vínculo entre macro e microcosmos para descrever o mundo em que morava, seu amplo mundo do visível e o invisível, em que deuses e mortais se comunicavam e interagem, em que a vida e a morte faziam parte do mesmo processo evolutivo, para falar em primeira pessoa de dor e amor, de exílio, devoção e angústia. Através da categoria histórica de corpo, de corpo

³Mitto, T. *Catalogue of Texts and Authors Chapter Neo-Assyrian*. Traduzido em 2022 e disponível em <https://www.ebl.lmu.de/corpus/L/0/0/NA/>

físico, podemos afirmar que esta mulher de Ur, no sul do atual Iraque, não era tão diferente das mulheres que habitam esse ponto geográfico atualmente.

Permitam-nos elaborar este ponto: as mulheres iraquianas, hoje, continuam falando de dor, amor e exílio de maneira autodiegética, reescrevendo uma página em branco com periodicidade perversa. Vozes como a da poetisa Nazik al-Malaika (2010, p. 76) o corroboram: “Durante muito tempo [...] temos atravessado as trevas / franqueado o impassível [...] E eu tenho ficado aqui, pálida, inerte, vendo como os séculos se perguntam quem eu sou”⁴. Ou a da escritora Amal Ibrahim al-Nusairi: “escrevo para continuar vivendo”, enquanto Samarkand al-Djabiri vai ainda mais longe: “escrevo para ser visível”⁵. Elas legitimam também essa função ontológica da escrita como oxigenadora, como espaço na memória, muito mais acorde às relevantes figuras femininas que as precederam nesta região do mundo começando pela deusa Inanna, tão longe dos padrões normativos de uma divindade feminina (POZZER, 2022, p. 8).

Inanna não era uma deusa-mãe nutrícia ou protetora, nem estava vinculada ou submetida a um divino masculino. Ela era a “rainha do céu”, uma figura autônoma e empoderada, alfabetizada⁶, associada ao oxímoro e ao paradoxal, deusa da transformação, do amor e da livre sexualidade, da sabedoria e da justiça divina, da guerra e da sensualidade, cujas vicissitudes são narradas nos textos que aqui nos trazem com uma atualidade vívida quase consternadora, semelhantes aos contemporâneos que mencionamos. Dos motivos aduzidos pela coligação que invadiu o Iraque em 2003⁷, sem dúvida o último, a “libertação do povo”, se traduziu como o cenário mais escabroso para as mulheres do

⁴Do seu poema “Calendário” (1949). Tradução do árabe ao espanhol de Manuel Jiménez. Tradução ao português da autoras de este artigo.

⁵Apresentação da antologia de autoras iraquianas “Mit den Augen von Inana” (*Com os olhos de Inana*). Antologia de poesia e relato de autoras iraquianas contemporâneas), 17 de março de 2015. As referências das duas autoras podem ser consultadas em: <https://qantara.de/en/article/women-writers-iraq-writing-stay-alive>

⁶Segundo Eleanor Robson, várias composições mesopotâmicas incluem referências a deusas que escrevem, usam ferramentas de medição ou realizam outras tarefas associadas à alfabetização e à aritmética, incluídas Inanna, Manungal, Geshtinanna ou Ninisina.

⁷ Quando, em março de 2003, iniciou-se a ocupação do Iraque, o então presidente dos Estados Unidos da América e cabeça da coligação invasora, George W. Bush, aduziu três motivos fundamentais para seu propósito: encontrar armas de destruição massiva (fato que nunca aconteceu), terminar com uma suposta aliança entre Saddam Hussein e Al-Qaeda (para quem Hussein sempre foi um infiel, tanto quanto o Partido Baaz, socialista, pan-arabista, progressista e laico, que representava) e, finalmente, libertar o povo iraquiano. “[...] our mission is clear: to disarm Iraq of weapons of massive destruction, to end Saddam Hussein’s support for terrorism and to free the Iraqi people”. President discusses beginning of operation Iraqi freedom. Transcrição do discurso disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2003/03/20030322.html>

país, ainda mais para as livre-pensadoras e literatas: grande parte dos seus direitos evaporaram-se com a ab-rogação do *Código da Família*, um compêndio de leis redigido em 1959 (após ser derogada a legislação colonial britânica), mantido, pelo menos durante um tempo, pelo partido baathista⁸. Na Constituição do ano 1970, o partido Baas entendeu que a potencialidade da mulher não podia ser ignorada na construção do novo Iraque que pretendia, e favoreceu a promulgação de leis relativas à abolição da poligamia, a custódia dos filhos, ajudas a mulheres maltratadas ou a proibição dos matrimônios concertados⁹. Com a “libertação” em andamento e sem o *Código* vigente, os assuntos relativos à mulher começaram a ser regidos por preceitos consuetudinários, através de uma leitura unilateral que a deixou totalmente desprotegida, alvo de exploração sexual, crimes “de honra” e marginalização, até hoje. A pretensa “redenção” do Iraque resultou ter um alto preço para a condição feminina e, especialmente, para a mulher pensadora e crítica. Mas essa é outra história. A nossa começa, hoje, em tablets de argila do século XXIII AEC, de escrita cuneiforme, em língua suméria¹⁰.

3. A Mesopotâmia em tempos de Enheduanna

Grande parte dos estudiosos e historiadores interessados em um panorama geral sobre a história dos Sumérios e Acádios encontra diversos problemas de cunho epistemológico, como por exemplo, a periodização empregada para dividir esta época, que de certa forma, respeita um consenso entre os estudiosos em dividi-la em três milênios, desde o aparecimento da escrita na Suméria, até a chegada dos gregos com Alexandre, o Grande. Além disso, existe o fato de que alguns períodos da história da Mesopotâmia têm abundância de documentação escrita, e outros grande escassez de documentos. Além da

⁸Nele, por exemplo, estabelece-se a idade legal de matrimônio a partir dos 18 anos, ou se outorga amplo amparo legal para a mulher sob um divórcio. Pode ser consultado, parcialmente, no artigo da Dr. Noga Efrati (*Harry S. Truman Research Institute for the Advancement of Peace*, Hebrew University of Jerusalem): “Negotiating rights in Iraq: women and the Personal Status Law”. *Middle East Journal*. Volume 59, n.4, 2005. Desde 2020, as agências da ONU no Irak tem expressado sua preocupação pelo aumento de casos de violência de gênero intrafamiliar (<https://iraq.un.org/en/126347-un-iraq-raises-alarm-time-endorse-anti-domestic-violence-law>). Um dos casos mais recentes foi em fevereiro de 2023, quando a blogueira e youtuber Tiba al-Ali foi assassinada pelo seu próprio pai por “uma questão de honra”.

⁹ Entrevista com a professora e escritora iraquiana Bahira Abdulatifem *Trabajadora*/n.8, junho de 2003, disponível em <https://www.ccoo.es/c319e6fa3cb9266e60f8be5b534a89f5000001.pdf>.

¹⁰Sem vínculos com outras línguas indo-europeias ou semíticas é, até agora, o idioma escrito mais antigo do mundo.

documentação histórica, temos a contribuição da arqueologia que aporta novas evidências para a compreensão do passado internas e externas à história da Mesopotâmia.

Acredita-se que a Suméria, região no sul mesopotâmico, se subdividia em aproximadamente trinta cidades-estados, onde se destacam com maior abundância de documentação: Ur (moderna Tell al-Muqayyar), Uruk (moderna Warka, e a Erech bíblica) no sul, Umma (Tell Jokha) ao norte, Lagaš (Tell al-Hiba) ao oeste. Há também referências à Kiš (Tell Uhaimir, Tell Ingharra) e a Mari (Tell Hariri) ao noroeste (JOANNÈS, 2000). (Fig. 1).

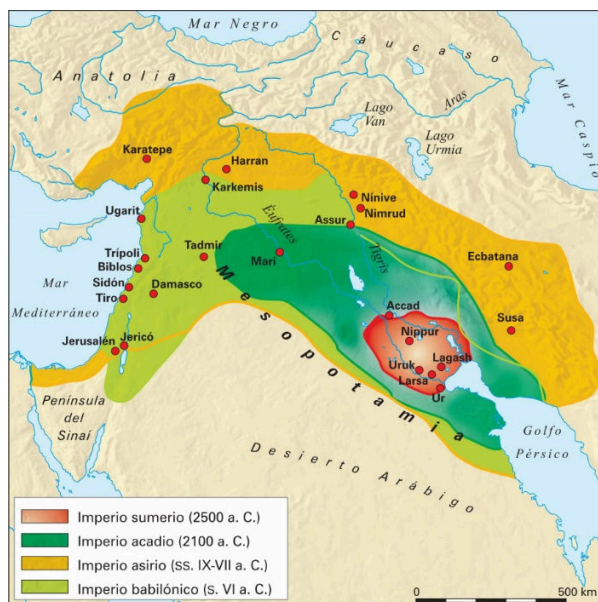


Fig. 1 – Mapa dos Impérios mesopotâmicos

Fonte: https://br.pinterest.com/pin/414401603198109680/?amp_client_id=CLIENT_ID%28_%29&web_unauth_id=%7B%7Bdefault.session%7D%7D&simplified=true

Na segunda metade do III milênio AEC o sul mesopotâmico viu surgir uma experiência inédita na história política que foi a instauração de um poder centralizado imperial. Ainda que alguns especialistas questionem o uso do termo “império de Akkad”, uma vez que a língua acádia não possui um termo que corresponda a esta exata noção, isto não exclui a existência deste fenômeno¹¹. Os monarcas deste período passaram a utilizar o título “reis dos quatro cantos da terra”, indicando sua dominação até os limites de lugares

¹¹ Podemos, neste caso, definir império como o resultado de um projeto de dominação política sobre vastas extensões territoriais, conquistadas militarmente, comportando importante diversidade étnica, linguística e cultural (LAFONT; TENU; JOANNÈS; CLANCIER, 2017, p. 165).

inabitáveis. A utilização deste título se configura em um ato de legitimação e de universalização, como um fenômeno que foi recorrente nos períodos posteriores da história da Mesopotâmia quando passou-se a apor o determinativo divino DINGIR no nome próprio do rei (GLASSNER, 2008, p. 155-156).

As fontes históricas sobre esta época são limitadas e se compõem das inscrições reais e de tabletes administrativos, encontrados no sul mesopotâmico e de datação posterior, que fazem referência a este período. Outra importante lacuna documental é que os vestígios arqueológicos da capital Akkad nunca foram encontrados. Acredita-se, porém, que a cidade fosse situada na margem oriental do rio Tigre, entre as atuais Samarra e Bagdá.

Sargão de Akkad teria fundado a nova dinastia e dado origem a uma nova fase na história da Mesopotâmia, que pela primeira vez unificava sumérios e acádios. A língua em vigência, o acádio (que dá o nome ao período), foi amplamente utilizada nas inscrições reais e em documentos de arquivos. Este período é considerado como o auge político e econômico que se legitima pelas figuras de Sargão e de seu neto Narâm-Sîn.

O rei Sargão efetuou um ambicioso programa de extensão territorial em direção ao nordeste da Mesopotâmia, seu filho Rimuš foi seu sucessor e controlou rebeliões na Suméria, executando todos os rebeldes. Já Narâm-Sîn transformou o reino herdado de seus antepassados em um verdadeiro império (MARGUERON, 1996, p. 152).

A ideia de territórios unificados já está presente em períodos anteriores, como por exemplo nos séculos XXV e XXIV AEC, Mes-kalam-du e Mes-ane-pada de Ur portavam, eventualmente, o título de rei de Kiš, sugerindo que seus reinos incluíssem as duas cidades Ur e Kiš). Assim, Sargão teria se inspirado em um de seus antecessores, pois suas inscrições evocam, inúmeras vezes, que ele era rei de Kiš e, em alguns casos, rei de Akkad.

Vale destacar que estes textos são conhecidos graças à preocupação com a preservação desta memória, levada a cabo por intelectuais e escribas, que ao longo de dois milênios, copiaram estes documentos e erigiram monumentos em sua homenagem (GLASSNER, 2008, p. 161). A origem deste rei é desconhecida, mas várias narrativas sobre sua gênese foram criadas. Uma delas diz que ele seria filho de uma grande sacerdotisa e de um pai desconhecido, outros textos falam que seu pai era um jardineiro¹²,

¹²A figura do jardineiro aparece em várias composições literárias, como na Epopéia de Gilgameš e no mito de Inanna e Šukkaletuda (BERNABÉ-SÁNCHEZ, 2018, p.135-147).

epíteto de reis ou de substitutos nos rituais do Ano Novo (akîtu). Uma narrativa o apresenta como “rei combatente”, conquistador de territórios graças à intervenção de Ištar. Outro relato revela sua ancestralidade materna segundo esta versão em português que realizamos a partir das traduções de Westenholz (2000, p. 39-41) e de Leick (2001, p. 125-126):

Sargão, o poderoso rei, rei de Akkad, sou eu.
Minha mãe era uma sacerdotisa de **en**, meu pai jamais conheci.
O irmão de meu pai habita as terras altas.
Minha cidade é Azupiranu, que se situa nas margens do Eufrates.
Ela me concebeu, minha mãe sacerdotisa de **en**, ocultamente ela me deu à luz.
Pôs-me numa cesta de vime, ela calafetou as frestas com betume.
Ao rio me lançou, do qual não pude subir.
O rio me envolveu, a Aqqi, a um carregador de água me levou.
Aqqi, o carregador de água, me içou quando baixou seu balde.
Aqqi, o carregador de água, me criou como seu filho adotivo.
Aqqi, o carregador de água, me ensinou a cuidar de sua horta.
Enquanto eu era ainda um jardineiro, Ištar se apaixonou por mim,
E assim, por (...) anos eu reinei como rei,
O povo dos cabeças-negras dominei e governei.

O documento acentua o status elevado de sua mãe, como sacerdotisa de EN e a origem estrangeira de seu pai, oriundo da região montanhosa. Leick (2001, p. 126) afirma que “essa lenda sublinha as milagrosas circunstâncias do seu nascimento e sobrevivência do herói”.

4. Enheduanna: vidas e obra

Existem poucas evidências materiais, textuais ou iconográficas de mulheres na antiga Mesopotâmia, com exceção a representação de divindades femininas e integrantes da elite que desempenharam alguma função pública, como esposas dos *ensi* (governadores) ou altas sacerdotisas em templos dedicados a deuses masculinos. Contudo temos uma situação bastante peculiar no período de Akkad e Ur III (2330-2000 AEC), pois muitas informações acerca das mulheres da nobreza sobreviveram, em forma de inúmeras estátuas dedicadas às mulheres e selos-cilindros a elas pertencentes (WINTER, 2010, p. 65).

Dentre as 13 mulheres com nomes conhecidos na época de Sargão, o mais famoso é o de Enheduanna, filha do rei e alta sacerdotisa do deus Nanna, quem provavelmente exerceu seu cargo até o reinado de Narâm-Sîn. Ela foi uma figura singular na história da

Mesopotâmia, princesa, sacerdotisa e poeta ao mesmo tempo (LAFONT; TENU; JOANNÈS; CLANCIER, 2017, p. 166). Enheduanna foi, sem dúvida, a mais proeminente sacerdotisa do deus Nanna (o deus lua, divindade masculina) em Ur, durante o reinado de seu pai, o poderoso rei Sargão de Akkad (2324-2285 AEC). Ela é conhecida por suas composições literárias e vários objetos contendo inscrições cuneiformes, incluindo um disco de alabastro, atualmente conservado no Museu de Arqueologia e Antropologia da Universidade da Pennsylvania.

O conjunto dos hinos dos templos de Sumer, considerados os principais documentos teológicos da Mesopotâmia são uma composição de sua autoria. As evidências literárias mostram que Enheduanna realizou uma sistematização de hinos teológicos sumérios e sua poesia serviu de modelo para os hinos (HALLO; VAN DIJK, 1968, p. 3).

Hallo e Van Dijk (1968, p. 7) apontam uma questão teológica da maior importância quando discutem que a elevação de Inanna-Ištar à grande deusa do panteão mesopotâmico poderia estar associada à ascensão de Sargão ao trono. Sargão teria subido ao trono no reino de Kiš, em aliança com uma princesa. A tradição histórica nomeia Sargão como filho, amante ou pai da princesa que representava a deusa Istar/Inanna. Três grandes hinos de Enheduanna dedicados à Inanna podem ser a maior contribuição da brilhante filha de Sargão para a propaganda da nova teologia, mas Enheduanna estava a serviço do deus Nanna em Ur, então como explicar isso? Estes autores avançam a hipótese de que quando Sargão inicia sua poderosa hegemonia em Sumer e Akkad, a organização política da Mesopotâmia era uma liga de três cidades-estados importantes: Kiš no norte; Ur e Uruk ao sul. Como Sargão era originário de Kiš, ele necessitava se fortalecer no sul, assim ele teria colocado Enheduanna como sacerdotisa em Ur e a outra filha em Uruk.

Sargão, ao unificar os reinos, instituiu uma união de cultos, tendo por sacerdotisa sua filha Enheduanna, que era devota de Istar/Inanna. O passo final desta reforma político-religiosa realizado por Sargão seria a unificação da Inanna suméria e a Istar acadica na fundação teológica de seu império (HALLO; VAN DIJK, 1968, p. 9).

Segundo Joan Westenholz (2000), Enheduanna viveu entre 2300-2225 AEC e o primeiro artefato descoberto nos informando de sua existência é um disco de alabastro translúcido, que foi descoberto por Sir Leonard Woolley, em 1925, no sítio arqueológico de

Ur, na seção C do *giparu*¹³, onde ela morava. O *giparu* era constituído por um conjunto de prédios, incluindo o templo de Ningal, indicado na seção inferior C, e os bairros residenciais das sacerdotisas na seção superior A. Diretamente abaixo dessa seção está a seção B, que contém o cemitério, onde estavam enterradas as sacerdotisas. Existem registros de oferendas feitas a essas sacerdotisas, evidenciando a importância delas na sociedade (Fig. 2).

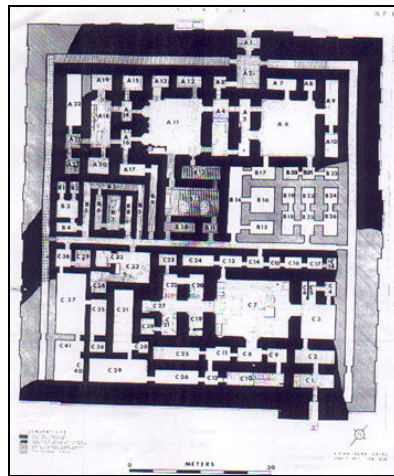


Fig. 2 – Planta da escavação do *giparu* de Ur.
Fonte: <https://archive.is/mupD/54573125cdc1f182ba63801623887177131f5d97.jpg>

Atualmente o Disco de Enheduanna está conservado no Museu da Universidade da Pensilvânia e exposto na *Middle East Galleries*. Ele é um importante documento da cultura material do período acádico e teria sido confeccionado entre 2340 e 2200 AEC. (Figs. 3 e 4).

¹³*Giparu* era a residência privada da princesa (BLACK; GEORGE; POSTGATE, 2000, p. 98).



Fig. 3 – Disco de Enheduanna. Anverso. 2340-2200 AEC.
Alabastro (25,6 X 7,1 cm).

Fonte: https://www.penn.museum/collections/object_images.php?irn=293415



Fig. 4 – Disco de Enheduanna. Verso. 2340-2200 AEC.
Alabastro (25,6 X 7,1 cm).

Fonte: https://www.penn.museum/collections/object_images.php?irn=293415

Bahrani (2001, p. 113-117) considera que o disco de alabastro de Enheduanna seja o mais notável objeto votivo da antiga Mesopotâmia contendo uma imagem de uma mulher com existência histórica. Em termos de composição, o sacerdote que versa o líquido e a sacerdotisa de alta hierarquia compartilham o centro do disco, unidos por sua performance ritual. Vemos que apenas a cabeça de Enheduanna toca a margem superior do friso, indicando sua representação em escala maior que os outros personagens, servindo para enfatizar visualmente sua posição social dominante. Além disso, a indumentária que ela porta também contém evidências de sua importância na hierarquia clerical.

No verso, o disco é inscrito em uma coluna de 11 linhas, identificando Enheduanna como a esposa (mãe-) de Nanna e filha de Sargão (ll. 3-4). Seguimos a tradução de Bahrani (2001, p. 114) para a inscrição que consta no verso do disco:

Enheduanna, sacerdotisa *zirru*¹⁴,
Esposa do deus Nanna,
Filha de Sargão, rei do mundo,
No templo da deusa Inanna-ZA.ZA
Em Ur, fez um pedestal (e)
O nomeou: ‘estrado, mesa do deus An’.

No anverso foi esculpido em relevo um friso central com figuras humanas em uma cena de ritual. Nela, Enheduanna está na posição central, representada levemente maior que os outros componentes. Ela porta um vestido em camadas e um adereço na cabeça identificado como uma tiara especial para as sacerdotisas chamado de **aga**, em sumério. Ainda que Winter (1987, p. 192) afirme que as figuras que flanqueiam Enheduanna sejam dois homens nus (?), não podemos identificar o gênero destes personagens a partir da imagem preservada no disco e somente a figura mais à esquerda da cena pode estar nua, as outras estão portando vestidos/saias longos.

À esquerda, uma libação é derramada por um sacerdote de um jarro sobre uma espécie de altar, que por sua vez, se encontra diante de uma torre de quatro estágios, possivelmente indicando um templo. É importante notar que a sacerdotisa não derrama a libação ela mesma. Em vez disso, ela permanece na gestualidade de adoração, supervisionando a ação do sacerdote auxiliar. À direita de Enheduanna temos um conjunto

¹⁴Designação para sacerdotisa de Sîn (Nanna, em sumério, o deus lua). (BLACK; GEORGE; POSTGATE, 2000, p. 448).

de duas figuras, que parecem ser dois sacerdotes auxiliares, provavelmente do gênero masculino, representados sem cabelos e com uma veste longa. Dada a localização e a delicada atenção aos detalhes da figura da mulher central, ela foi identificada como Enheduanna. Está voltada para a direção da atividade cültica, com o braço direito dobrado no cotovelo e a mão levantada diante do rosto, em um conhecido gesto de piedade, comparável às cenas de apresentação de selos cilindros, e que encontra seu referente literário no verbo sumério “prostrar-se” (kir₄ šu-gal₂) cuja tradução literal é “colocar a mão no nariz.” (LABAT, 1988, p. 49).

Bahrani (2001, p. 117) chama a atenção para o fato de que esta imagem não é o retrato mimético de Enheduanna, mas que certamente ela representa a sua essência: uma mulher que ocupa um lugar de destaque na via pública, em âmbito político e religioso na Mesopotâmia durante o período acádico. Ela foi imortalizada em imagens, inscrições votivas e textos literários de grande valor histórico.

A inscrição suméria que está na outra face do disco indica o nome de Enheduanna: **En** denota o título de sacerdotisa ou Alta Sacerdotisa; o título **heduana** é um epíteto poético que designa a beleza da lua no céu, literalmente, **o ornamento do Céu** e é frequentemente associado a Nanna, o Deus da Lua, a quem ela serviu, bem como a deusa Inanna, filha de Nanna e a quem Enheduanna era devota. O vínculo entre a figura feminina e o sagrado tem origens tão remotas quanto a espiritualidade mesma. Como sugeriu a arqueóloga Marija Gimbutas (1995) em seus estudos, o poder feminino representa a unidade da natureza como um todo orgânico e vital. Do Paleolítico superior conservamos várias figuras deificadas, divindades femininas de formas opulentas, muitas em processo mesmo de parto, que ocupam o espaço do sagrado e que foram paulatinamente cedendo lugar aos deuses masculinos, conformados como figura única e todo-poderosa no nascer das religiões monoteístas. Nessa lógica, é lícito pensar que as primeiras encarregadas de avivar e manter o vínculo entre o divino e o humano fossem mulheres. Sabemos que, na cidade-estado de Mari, na margem ocidental do Eufrates, as Grandes Sacerdotisas (*Dam Dingir-ra*) ostentavam um papel social e um prestígio inclusive maior que o das rainhas, as rainhas-mãe ou as filhas do próprio rei (OLIVER, 2013, p. 111).

Segundo os tabletas cuneiformes que narram a história de Sargão I de Akkad, o Grande (gestadas pelo seu entorno no poder), Sargão sonhou com a deusa Inanna, que lhe

assegurou estar destinado à grandeza. Não é difícil imaginar o processo pelo qual Sargão passou de ser um simples copeiro do rei de Kiš, Urzababa, a um poderoso regente capaz de conceber a ideia de um estado acádio unificado, construtor de um império novo além das fronteiras do conhecido. Nesse contexto de reescrita da história e de usurpação do poder, Enheduanna é nomeada pelo seu pai *alta sacerdotisa (en)*, na procura de uma figura poderosa que desse suporte, como instrumento nas suas mãos, ao ambicioso projeto político-social que ele gestava¹⁵, revolucionário desde toda prática. Antes, contudo, pensamos que ela tinha sido iniciada na leitura e a escrita provavelmente numa *edubba* (casa dos tablets¹⁶) ou escola de escribas. Na época, lembremos, o sumério e o acádio coexistiam como línguas oficiais do território.

Em um artigo publicado em 2021, Gina Konstantopoulos (2021, p. 58) apresenta o que ela denomina as três vidas de Enheduanna. A primeira, como princesa e sacerdotisa do seu tempo, mulher de carne e osso do século XXIII a.C. A segunda, como celebridade literária posterior: seus textos (em original sumério) eram ainda estudados nas escolas babilônicas, séculos depois da sua morte. A terceira vida de Enheduanna é, sem dúvida, o ícone em que ela se transformou ao longo do tempo, para a filologia e as artes, para o feminismo da segunda onda especialmente e, por cima de tudo, para a História. Essa mesma translação é usada por Hallo; Van Dijk (1968) na procura das três fontes que perfilam a vida de Enheduanna, isto é, arqueológicas, históricas e literárias.

Enquanto a primeira e a segunda categorias, sabemos que ela adotou um nome programático da sua função, alta sacerdotisa, En-hedu-anna. De nariz aquilino e feições pouco harmônicas, aparece portando a tiara própria da sua função, determinada e solene, com olhar a frente, segura de si. A terceira categoria, agilidade criativa de Enheduanna e força poética, tomou corpo em várias composições:

¹⁵Autoras como a assirióloga Eleanor Robson ou a poetisa Bridget Minamore desmitificam o uso da figura de Enheduanna como ícone feminista aduzindo que desconhecemos totalmente “o que Enheduanna pensou ou fez” durante sua vida, em parte por ser um simples instrumento nas mãos de Sargão o Grande e recalando que foi “provavelmente a mulher mais privilegiada do seu tempo”. Consultar “Lines of resistance” em <https://www.bbc.co.uk/sounds/play/b098h0f3>

¹⁶Para aprofundar no conceito pode ser consultado Sjöberg, Åke W. (1976). “The Old Babylonian Eduba” In: Jacobsen, T., (ed.) *Sumerological studies in honor of Thorkild Jacobsen on his seventieth birthday*. Assyriological studies, no. 20. Chicago: University of Chicago Press. p. 159-179. Também o clássico de Kramer, Samuel (1949). “Schooldays: A Sumerian Composition Relating to the Education of a Scribe”. *Journal of the American Oriental Society* 69 (4), p. 199-215.

- Exaltação de Inanna, *Nin me šara* (*Senhora de todos os meh*¹⁷, ou dos inúmeros poderes);

- Hino a Inanna, *In-nin ša-gur-ra* (*Senhora do grande coração*);

- Hinos do templo;

- Dois hinos ao deus Nanna (fragmentários).

Outras obras podem ser atribuídas a ela, como o texto sumério conhecido como *Inanna e Ebih* ou *Inninmehusa* (A deusa dos temíveis poderes), que narra a vitória da deusa sobre o deus montanha Ebih, quem a desrespeitou. Da mesma temática é o texto conhecido como *Inanna e Šukaletuda*, atribuído também a Enheduanna por parte da crítica.

5. Conclusões

Através de suas poderosas palavras e canções para Inanna, a deusa do amor e da guerra, Enheduanna mudou o curso da história e foi lembrada por séculos após sua morte. Sua escrita é tão complexa que alguns estudiosos a denominaram “Shakespeare da literatura suméria”. Seus hinos funcionam como encantamentos de várias camadas, entrelaçando dimensões políticas, pessoais, rituais, teológicas, históricas e legais. Contudo, o nome de Enheduanna começa só agora a ser visível para o mundo. Nos últimos meses de 2022, ela foi a figura central de uma magnífica exposição em The Morgan Library & Museum em Nova Iorque: “She who wrote: Enheduanna and women of Mesopotamia”, uma tentativa de se aproximar ao mundo feminino mesopotâmico a partir das imagens e da arte. Nesse mesmo ano, veio à luz uma magnífica tradução para o português da obra, “Inanna: antes da poesia, ser palavra era mulher”, de Guilherme Gontijo Flores e Adriano Scandolara, centrada nas composições de Enheduanna. Em março de 2023, suas obras completas foram publicadas pela Yale University Press, em uma fantástica edição de Sophus Helle, elogiada por grandes orientalistas como Zainab Bahrani ou Gina Konstantopoulos. Poderíamos dizer que Enheduanna está fazendo sucesso com reconhecimento tardio, se tivermos em conta que se trata de uma voz da antiguidade, feminina e poderosa, capaz de se ecoar no tempo e

¹⁷ *Meh*, as regras do jogo da civilização, ou o que poderia ser um estádio anterior a um conjunto de leis. Os *meh* eram uma poderosíssima ferramenta de coesão social, decretados pela divindade (e, portanto, imutáveis) que garantiam a comunicação e o entendimento entre deuses e homens. Tratava-se de uma série de costumes, comportamentos sociais, inovações técnicas, práticas religiosas e estatutos que legitimavam o equilíbrio entre o macro e o microcosmos e regiam o funcionamento ideal da civilização.

chegar até nós. Como ela pode ter passado despercebida até agora? Seja como for, a literatura mesopotâmica está ampliando paulatinamente seus leitores graças a figuras como ela. E podemos afirmar que, mesmo sendo um produto histórico forjado, mesmo sendo uma poetisa pioneira em todos os níveis possíveis, o lirismo das composições de Enheduanna não se perde com o passar do tempo e é próprio de uma sensibilidade incomensurável.

Referências bibliográficas

- Al-MALAIKA, N. *Astillas y ceniza. Shadaya wa Ramad*. Madrid: Visión Libros, 2010.
- BAHRANI, Z. *Women of Babylon*. New York: Routledge, 2001.
- BARTHES, R. “The Death of the Author” In: HEATH, S. (ed.), *Image, Music, Text*. Trad. R. Howard, Londres: Fontana, 1967.
- BERNABÉ-SÁNCHEZ, E. “El mito de Inanna y Šukkaletuda: violencia sexual en Sumer” In: *Revista de História Anos 90*. Vol 25, n.47, 2018, p.135-147.
- BIENKOWSKI, P.; MILLARD, A. *Dictionary of the Ancient Near East*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.
- BLACK, J.; GEORGE, A.; POSTGATE, N. *A Concise Dictionary of Akkadian*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2000.
- BLACK, J.; GREEN, A. *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia*. London: British Museum Press, 1998.
- BORDREUIL, P.; BRIQUEL-CHATONNET, F.; MICHEL, C. *Les Débuts de l'Histoire*. Paris: Éditions de La Martinière, 2008.
- BOTTÉRO, J. *L'Écriture, la raison et les dieux*. Paris: Éditions Gallimard, 1987.
- BOTTÉRO, J.; KRAMER, S. *Lorsque les dieux faisaient l'homme*. Paris: Éditions Gallimard, 1993.
- DESHONG MEADOR, B. *Inanna. Lady of largest heart. Poems of the Sumerian High Priestess Enheduanna*. Austin: University of Texas Press, 2000.

FOSTER, Benjamin R. "Authorship in Cuneiform Literature". In: BERENSMEYER, I.; BUELENS, G.; DEMOOR, M (ed.). *The Cambridge Handbook of Literary Authorship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, p. 13-26.

FOSTER, Benjamin R. "On authorship in Akkadian Literature". In: *Annali dell'Università degli Studi di Napoli "L'Orientale"*. Rivista del Dipartimento di Studi Asiatici e del Dipartimento di Studi e Ricerche su Africa e Paesi Arabi, 1991 (51/1). p. 17-32.

FOUCAULT, M. "Qu'est-ce qu'un auteur?". Collège de France, 22/2/1969. Disponível em: [que-es-un-autor-michel-foucault.pdf](#)

GADAMER, H-G. *Wahrheit und Methode*. Mohr, Tübingen, 1975.

GIMBUTAS, M. *The Language of the Goddess*. San Francisco: Harper, 1995.

GLASSNER, J.-J. "La Naissance de l'empire" In: BORDREUIL, P.; BRIQUEL-CHATONNET, F.; MICHEL, C. *Les Débuts de l'Histoire*. Paris: Éditions de La Martinière, 2008, p. 155-164.

HALLO, W.W.; VAN DIJK, J.J.A. *The exaltation of Inanna*. New Haven, Yale University Press, 1968.

HALTON, C.; SVÄRD, S. *Women's writing of Ancient Mesopotamia. An anthology of the earliest female authors*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

HELLE, Sophus. The birth of the author. Co-creating authorship in Enheduanna's Exaltation. In: *Orbis Litterarum* 75, n.2. 2020, p. 55-72.

_____. *The first authors: narratives of authorship in ancient Iraq*. Aarhus: Aarhus University, 2020

HUOT, J.-L., THALMANN, J.-P.; VALBELLE, D. *Naissance des cités*. Paris: Nathan, 1990.

JOANNÈS, F. *La Mésopotamie au 1er millénaire avant J.-C*. Paris: Armand Colin, 2000.

_____. (org.). *Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*. Paris: Robert Laffont, 2001.

KONSTANTOPOULOS, G. “The Many Lives of Enheduana: Identity, Authorship, and the “World’s First Poet” In: DROß-KRÜPE, K.; FINK, S. *Powerful Women in the Ancient World: Perception and (Self)Presentation*. Zaphon: Münster, 2021.

KRAMER, Samuel Noah. “Inanna’s Descent to the Nether World” In: *Revue d’Assyriologie*. Vol. 34, p. 93- 106, 1937.

_____. *Os Sumérios*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

LABAT, R.; MALBRAN-LABAT, F. *Manuel d’Épigraphie Akkadienne*. Paris: Geuthner, 1988.

LAFONT, B.; TENU, A.; JOANNÈS, F.; CLANCIER, Ph. *La Mésopotamie. De Gilgamesh à Artaban 3300-120 av.J.-C.* Paris: Éditions Belin, 2017.

LEICK, Gwendolyn. *Mesopotamia. La invención de la ciudad*. Barcelona: Ediciones Paidós, 2001.

LIVERANI, Mario. *El Antiguo Oriente. Historia, sociedad y economía*. Barcelona: Ed. Crítica, 1995.

MARGUERON, Jean-Claude. *Los Mesopotámicos*. Madrid: Cátedra, 1996.

MAY, Nathalie N. “Female Scholars in Mesopotamia?” In: *Gender and Methodology in the Ancient Near East*. BMO10, 2018, p. 149-162.

MICHEL, C. “Les femmes et l’écrit dans les archives paléo-assyriennes” in: *TOPOI SUPPLEMENT*, VOL. 10, 2009, p. 253–272.

MOSCATI, S. *Como reconhecer a arte mesopotâmica*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

NOWICKI, S. “Women and references to women in Mesopotamian Royal Inscriptions: an overview from the early dynastic to the end of Ur III period” In: *Studia Orientalia Electronica*, vol. 4, 2016, p. 36-52.

OLIVER, M.R. “Excluidas, confinadas y poderosas: las relaciones de género y el ejercicio de poder en Mari” In: DI BENNARDIS, C., RAVENA, E., & MILEVSKI, I. (eds):

Diversidad de formaciones políticas en Mesopotamia y el cercano Oriente. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2013.

PARROT, A. *Assur*. Paris: Gallimard, 2007.

POZZER, K. M. P. “Arte, Sexo e Religião: a deusa Ištar na Mesopotâmia” In: *Revista Das Questões*, Brasília, p. 1-17, 2018.

_____. “A poetisa e a deusa ou essas maravilhosas mulheres orientais” (prefácio) In: FLORES, G. G.; SCANDOLARA, A. *Inana - antes da poesia ser palavra era mulher*. São Paulo: sob influencia edições, 2022, p. 7-11.

READE, J. “Nimrud” In: CURTIS, John (ed.). *Fifty Years of Mesopotamian Discovery: The Work of the British School of Archaeology in Iraq 1932-1982*. London: The British School of Archaeology in Iraq, 1982.

ROAF, Michael. *Mesopotâmia*. Barcelona: Folio, 2006.

ROUX, G. *La Mésopotamie*. Paris: Éditionsdu Seuil, 1995.

SAID, Edward W. *Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA MUSEUM OF ARCHEOLOGY AND ANTHROPOLOGY. <https://www.penn.museum/collections/object/293415>.

VON SODEN, Wolfram. *The Ancient Orient: an introduction to the study of the ancient Near East*. Michigan: Eerdmans, 1994.

WESTENHOLZ, J. “The King, the Emperor, and the Empire. Continuity and Discontinuity of Royal Representation in Text and Image”. In: ARO, S.; WHITING. M. R. (eds.), *The Heirs of Assyria. Melammu Symposia I*. Helsinki: The Neo-Assyrian Text Corpus Project: 2000. Disponível em: www.aakkl.helsinki.fi/melammu/ Acesso em: 01. Nov. 2010, 09:47:41.

WINTER, Irene. J. “Women in Public: The Disk of Enheduanna. The Beginning of the Office of EN-Priestess, and the Weight of Visual Evidence”. In: DURAND. J. M. (ed.).

BERNABÉ-SÁNCHEZ, Estefanía
POZZER, Katia Maria Paim
Eu, Enheduanna

La femme dans le proche orient antique. Paris: Editions Recherche sur les Civilisations, 1987, p. 189-201.

_____. (ed.). *On the art in the ancient Near East*. Leiden: Brill, 2010.

Recebido em: outubro de 2023
Aprovado em: novembro de 2023